Lothar F. HESSEL

O tipo social do Gaúcho

Embora um dos tipos mais interessantes surgidos na América, e a despeito dos numerosos estudos que tem merecido, é o gaúcho particularmente esquivo a conceituações ajustadas, as quais tem recebido em número muito restrito.

Se buscarmos um punhado apenas, das interpretações que lhe deram, saltará à vista a diversidade de conceitos a êle aplicados. E' um homem visto sob várias perspectivas e que, dentro de sua maior ou menor veracidade, encerra pontos de vista parciais.

Para Madaline Wallis Nichols, que lhe dedicou alentado estudo, ("O GAÚCHO", trad. bras. de Castilhos Goycochea, Livr. Edit. Zélio Valverde, Rio, 1946) o gaúcho é "fundamentalmente um colono contrabandista cujo negócio era o comércio de couros de gado."

Jorge Salis Goulart ("A FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL", ed. Globo, Pôrto Alegre, 1933) surpreende na "época embrionária da nossa formação"... uma classe única, a dos gaúchos (igual sempre, quer se trate de ricos ou de pobres, pelo garbo dos gestos, pelo amor da guerra, pelo gosto das aventuras) constantemente preocupada com a galhardia do pingo, feliz na roda amistosa do chimarrão, entre relatos guerreiros ou façanhas dos dias de rodeio, revelando, todos, humildes e potentes, os mesmos hábitos, os mesmos costumes, os mesmos idais".

O *homo economicus* de Nichols, já aqui é predominantemente um *homo bellicosus*. Em capítulo posterior, Jorge Salis Goulart quebra lanças procurando demonstrar a diversidade existente entre o gaúcho platino e o gaúcho sul-riograndense.

O general argentino Lúcio V. Mansilla, sobrinho de Rosas mas de temperamento muito diverso do do tirano, estabelece em seu saboroso livro *UNA EXCURSIÓN A LOS INDIOS RAQUELES*, (ed. Espasa-Calpe Argentina, Col. Austral, Buenos Aires, 1940), cuja primeira edição saiu a lume em 1870, diferenças marcantes entre os próprios gaúchos platinos, distinguindo pelo menos quatro tipos: o "gaúcho malo", o "pai-

sano gaúcho", o "gaúcho neto" e o "índio gaúcho". Distinções muito preciosas, não só pela agudeza de suas observações como pelo lastro de experiência adquirida em longos anos de lides na campanha. Os quatro tipos, consideravelmente distanciados do gaúcho "economicus" da norte-americana M. W. Nichols.

O dr. Severino de Sá Brito, no estudo *TRABALHOS E COSTUMES DOS GAÚCHOS*, ed. Globo, P. Alegre, 1928, referindo-se à índole andeja do índio, diz que essa qualidade "se transmitiu aos seus descendentes e deu origem à palavra gaúcho, com que a princípio se designava o andante sem demora fixa, sem obrigações, porém estimado." E aduz: "Hoje a palavra está bem modificada e tem uma expressão superior."

O eminente Enrique de Gandía, secretário da Academia Nacional de História e da Academia Nacional de Ciências Morais e Políticas, de Buenos Aires, abordando o papel do gaúcho platino nas lutas pela independência argentina, tem palavras duras para com êle: "En cambio endiosan (los pobres papelistas sin cerebro) al único personaje que careció de ideas fundamentales: el gaúcho, y hablan de una democracia gaúcha y hasta de ideales gaúchos... El gaúcho, en la época colonial, no sabía ni lo que era el rey, ni lo que era Dios, no tenía ningún principio moral ni ninguna aspiración nacionalista. En ningún momento puede decirse que el héroe nacional de nuestra independencia fué el gaúcho. Nuestros ejércitos no se formaron con gaúchos, sino con hombres de las ciudades y trabajadores honestos de los campos. No faltaron regimientos de negros e delincuentes sacados de las cárceles. Los forjadores de la libertad en las luchas civiles fueron los idealistas y soñadores políticos de las ciudades. Los gaúchos no tenían ninguna idea de libertad civil y política, y la única libertad que concebían era la de hacer su santa voluntad en los campos desiertos, sin frenos y sin conciencia." (Prólogo a *LA ARGENTINA*, de Ruy Díaz de Guzmán, ed. Espasa-Calpe Argentina, Buenos Aires, 1945).

Como essas, muitas outras conceituações poderiam perfilar-se, focalizando, muitas vezes de maneira parcial, o esquivo gaúcho. Quase tôdas diluídas em contos, em novelas, em poemas, etc., desde as indicações de primeira água, de Concolorcorvo, até a figura, plena de vida, de Martín Fierro. Tôda a literatura gauchesca do Prata, como as melhores obras de nossa literatura regional, oferecem-nos ângulos de visão preciosos, embora esquivando-se de conceituações diretas. E quando, raramente, tomam posição, não conseguem mantê-la integralmente através de suas obras, como ocorre com João Mendes de Taquari, autor de interessante novela,

focalizando em cheio o tipo gaúcho, mas cujas palavras do prefácio nem sempre são correspondidas pela vida que brota de sua obra (O CAMPEIRO RIO-GRANDENSE, Porto Alegre, 1889).

Nos léxicos, a pobreza é franciscana. Como satisfazer-se com definições como "Hombre natural de las pampas del río de la Plata en la Argentina, Uruguay y Rio Grande do Sul?" Ou "habitante dos campos, de ordinário procedente de indígenas, portugueses e espanhóis, notável por seu valor e agilidade?" Deficiência, por vezes, oriunda da escassez de espaço.

Luís Carlos de Moraes, em seu VOCABULÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE (ed. Globo, Porto Alegre, 1935) parece ter farejado bem a dificuldade do assunto.

Ao assomar o verbete "gaúcho", socorre-se de estudos, episódios, etc., de lavra alheia. Dá agasalho à excelente descrição de Nicolau Dreys, homem que colheu *in loco* e na época oportuna (1817-1839) dados preciosos e procurou captar da melhor maneira possível o espírito desse tipo semi-selvagem, vasando-os em sua NOTICIA DESCRITIVA DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL, publicada no Rio de Janeiro, em 1839. E buscando desemaranhar o assunto, diz Moraes: "A palavra **gaúcho** tem diversos sentidos, às vezes até com significação oposta, a saber: a) nome que se dá aos naturais do Estado do Rio Grande do Sul; b) nome pelo qual são designados os homens afeitos à vida pastoril, sabendo perfeitamente todas as regras e métodos, não só de criação de animais, como de assuntos correlatos; c) a palavra indica ainda um indivíduo que encarne a bravura física e moral; coragem; franqueza, embora às vezes rude; o desembaraço; a vivacidade; o espírito cavalheiresco e nobre; a hospitalidade e liberalidade; a gentileza para com as mulheres; o amor constante e arraigado às tradições do Estado; o amor desmedido pelos pagos, e orgulho pela sua condição de brasileiro, e por isso, patriota como os melhores, amantes da liberdade, insubmisso aos mandões; d) aplica-se também ao bom jinete, ao que atira bem o laço e as boleadeiras; ao que sabe trabalhar bem no rodeio, e conduzir bem uma tropa; e) o indivíduo sem morada certa, o vago errante, o sem meios de vida, que vive de favor em casa alheia, o gaudério. Nessa acepção também se aplica ao cão sem dono; f) aplica-se a um pé de milho, feijão ou outra planta, que nasceu por ter caído a semente por acaso, no local onde germinou."

Cão gaúcho, feijão gaúcho: que vitalidade do termo, já a invadir os reinos animal e vegetal!

As acepções de Moraes sob a letra c) e e) são as mais características: a primeira se adapta de maneira quase perfeita

ao gaúcho de João Mendes, personificado em Olmiro, herói de seu romance O CAMPEIRO RIO-GRANDENSE; a segunda, corresponde bastante ao gaúcho de Nicolau Dreys. E ambos esses autores, o nacional como o estrangeiro, arraigaram seus conhecimentos e suas convicções através de longos anos de vida gauchesca e de contato com seus tipos. Apenas, em épocas diversas.

Confrontando-se as várias conceituações até agora apresentadas, pode-se coligir as notas fundamentais que irão constituir esse interessante tipo social:

cavaleiro perfeito
amigo do lazer
nômade, andejo
avesso a qualquer disciplina
corajoso, destemido.

Poder-se-ia aduzir dois elementos, referentes mais à gênese do gaúcho: a mestiçagem entre o índio e o ibérico, na maior parte das vezes; e o fato de ser ele um filho da abundância, da facilidade de viver e subsistir.

Quanto aos cinco primeiros elementos, seria inadmissível conceber um gaúcho sem um deles: um gaúcho não cavaleiro, um gaúcho contraído ao trabalho, um gaúcho parado, um gaúcho dócil e obediente, um gaúcho medroso...

Naturalmente se trata aqui do gaúcho *stricto sensu*, mais ou menos o gaúcho de Dreys, o gaúcho sul-rio-grandense da primeira metade do século passado. E cabe aqui a oportuna distinção do general Mansilla entre esse tipo, e o "paisano gaúcho".

"Son dos tipos diferentes. Paisano gaucho es el que tiene hogar, paradero fijo, hábitos de trabajos, respeto por la autoridad, de cuyo lado estará siempre, aun contra su sentir. El gaucho neto es el criollo errante, que hoy está aquí, mañana allá, jugador pendenciero, enemigo de toda disciplina; que huye del servicio cuando le toca, que se refugia entre los indios si da una puñalada, o gana la montonera si ésta asoma.

El primero tiene los instintos de la civilización; imita al hombre de las ciudades en su traje, en sus costumbres.

El segundo, ama la tradición, detesta al gringo; su lujo son sus espuelas, su chapeado, su tirador, su facón.

El primero se quita el poncho para entrar en la villa, el segundo entra en ella haciendo ostentación de todos sus arreos. El primero es labrador, picador de carretas, acarreador de ganado, tropero, peón de mano. El segundo se conchaba para las yerras." (op. cit.)

Esse conceito de "paisano gaucho", bastante amplo, é deveras prestimoso: pode ser aplicado, com propriedade, aos estancieros de outrora e de hoje, quer de ascendência lusa,

espanhola, paulista, italiana, inglesa, alemã, etc., a todos enfim que, embora de mentalidade mais sedentária e ordeira, adotaram parcialmente os hábitos da gaúcho *stricto sensu*.

O GAÚCHO, O ÍNDIO E O CAVALO

Das características acima apontadas, constitutivas de um gaúcho autêntico, a que mais salta à vista, é a de cavaleiro perfeito. Com efeito, não se concebe um gaúcho desvinculado dos eqüinos. A ligação, a sintonia quase perfeita de movimentos e atitudes entre o homem e o cavalo levaram mesmo certos autores a considerar os dois como um todo, a realizar histórica e concretamente o mito milenar do centauro.

E, por tão aceita essa identificação, não falta quem afoitamente afirme conclusões que não condizem com a realidade. Diz-se, por exemplo, que o gaúcho aprendeu a cavalgar com o índio; dado que os "charruas e minuanos eram excelentes cavaleiros", e que o gaúcho procedia da mestiçagem com o índio, seria este o mestre de equitação do nosso tipo.

O equívoco é de fácil desenlace: os ameríndios precabralinos não conheciam o cavalo. Nem o boi. E sem esses dois elementos não se formaria o tipo gaúcho. Possuíam, sim, dois outros elementos indispensáveis ao agir gauchesco: o laço, de couro trançado, e as boleadeiras. Excelentes armas, mas, antes dos europeus, com objetivos de menor realce: veados, guanacos, etc.

O primeiro contato dos aborígenes com o cavalo assumiu aspectos pitorescos. Em 1535, quando da primeira expedição espanhola ao Prata, sob as ordens de Pedro de Mendoza, vieram na expedição 72 eqüinos, cavalos ou éguas (Ulrico Schmidl, *DERROTERO Y VIAJE A ESPAÑA Y LAS INDIAS*, ed. Espasa Calpe, Argentina, B. Aires, 1944). Forçados pelos índios querandis, a abandonar a primeira fundação de Buenos Aires, aí deixaram cinco éguas e sete cavalos "los cuales el día de hoy (1612) han venido a tanto multiplico, en menos de sesenta años, que no se pude numerar, porque son tantos los caballos y eguas que parecen grandes montañas" (Ruy Díaz de Guzmán, *LA ARGENTINA*, ed. Espasa-Calpe Argentina, B. Aires, 1945).

Seis anos mais tarde veio a segunda expedição espanhola, a mando do *adelantado* Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Naturalmente traziam novos cavalos. Cabeza de Vaca desembarcou em Cananéia, "tomó... lá posesión de él por Su Majestad", fez o mesmo na ilha de Santa Catarina, onde desembarcou "veinte y seis caballos que escaparon de la mar",

e daí, procurando atingir o Paraguai, sem dar volta pela foz do Paraná, decidiu varar o sertão, hoje brasileiro, de Santa Catarina e do Paraná. Em seu *NAUFRAGIO Y COMENTARIOS* (ed. Espasa-Calpe Argentina, B. Aires, 1942) relataria: "Era cosa muy de ver cuán temidos eran los caballos por todos los indios de aquella tierra y provincia, que del temor que les habian, les sacaban al camino para que comiesen, muchos mantenimientos, gallinas y miel, diciendo que porque no se enojasen, que ellos les darían muy bien de comer; ... y de muy lejos venían cargados con mantenimientos sólo por ver los cristianos y los caballos, como gente que nunca tal había visto pasar por sus tierras."

Esse primeiro contato entre índios e cavalos chegou mesmo a ensejar a repetição, *mutatis mutandis*, da vitória de Pirro sobre os romanos em Heracleia, mediante a utilização dos elefantes.

Eram os guaicururus ferozes índios habitantes do Grão Chaco, destros caçadores e guerreiros indomáveis. Dominavam todas as demais tribos da região, eram eméritos degoladores e, contudo, credores de admiração sob certos pontos de vista, como p. ex. no ótimo tratamento dispensado às mulheres, e o integral cumprimento da palavra empenhada.

Pois esses bravos ameríndios, em combate com os espanhóis, "como vieron... los caballos, que nunca los habian visto, fué tanto el espanto que tomaron de ellos, que huyeron para los montes cuantos pudieron" (C. de Vaca, op. cit.).

Já na zona de Buenos Aires, os querandis (pertencentes à nação guaicura) quando da primeira e fracassada expedição de Pedro de Mendoza, não se arrecearam diante desses estranhos quadrúpedes: aplicaram-lhes as três-marias sem dó nem piedade. O alemão Ulrico Schmidl refere ingênuo: "Y tambien tienen (los querandies) una bola de piedra, y colocada en ella un largo cordel, al igual como una bola de plomo en Alemania. Ellos tiran esta bola alrededor de las patas de un caballo o de un venado, de modo que tienen que caer; así con esta bola se ha dado muerte a nuestro sobredicho capitán y sus hidalgos, pues yo mismo lo he visto" (op. cit.). Se o americano se espantava diante do novel cavalo, o europeu teve surpresa, por vezes dolorosa, diante das boleadeiras. Isso, sem mencionar as flechas incendiárias, desses mesmos querandis, numa antecipação às "civilizadas" bombas incendiárias do século XX. Não admira que Pedro de Mendoza não tenha podido esquentar lugar na atual zona de Buenos Aires.

Ao depararmos com notas como essa: "O Dr. Alcides M. de Lima na sua *HISTÓRIA POPULAR DO RIO GRANDE* chama de *soberanos insubordinados* aos primitivos índios,

exímios e arrojados cavaleiros, nestas regiões riograndenses" (apud Severino de Sá Brito, op. cit., p. 198), temos de aceitar esse "primitivos" com a devida reserva e compreensão.

O índio antes da europeização estava numa situação sui generis, uma situação pré-gaúcha: vivendo em campinas vastíssimas, dispondo de laços e boleadeiras, mas sem cavalgada, sem grandes quadrúpedes, nos quais aplicar sua habilidade. Fora da guerra, caçavam veados, guanacos e outros animais. Mansilla, por volta de 1870, ainda viu índios ranqueles "boleando guanacos".

No Rio Grande do Sul, Nicolau Dreys que conheceu pessoalmente numerosos gaúchos, afirma: "As armas do gaúcho são as que se usam no Rio Grande: a faca, a espada, a pistola, quando a pode comprar, e, sobretudo, o laço e as bolas; estas duas últimas armas são, às vezes, as únicas que tem, e nunca o gaúcho é visto sem elas: verdade é que excele em manejá-las; com elas assenhoreia-se do jaguar, da onça, do boi, do cavalo, do avestruz, e vimos no Camaquã um rapaz matar, com as bolas, um abutre voando."

Isto significa que as armas mais características do gaúcho, as irredutíveis, as quase integrantes de sua personalidade — o laço e as bolas — foram herança dos índios. Mas acertado seria, pois, afirmar-se que o gaúcho herdou dos "primitivos" índios suas armas essenciais, e não tanto a arte de cavalgar.

Esta, conheciam-na já o espanhol e o português (M. W. Nichols fala no vaqueiro espanhol, como ancestral do gaúcho) como também o francês, o alemão, o inglês, que viesse para essa área. Concolorcorvo já em meados do séc. 18 encontrou um francês radicado em Jujuy, como "maestro de postas"; e dois séculos antes (1556) vivia e mandava na vila espanhola de Ontiveros, na zona do Paraná, um inglês manta, chamado Nicolás Colman (R. D. Guzmán, op. cit.).

Por outro lado, é inegável que os índios souberam dar à arte de cavalgar, novos contornos e atrativos inéditos, estimulados por essa esplêndida novidade que eram o boi e o cavalo.

Para isso muito concorreram, entre outros fatores, a vastidão dos campos, a escassez de indumentária, e sua própria índole andeja. Por vezes superavam mesmo aos "paisanos gauchos", tirando melhor partido do cavalo. O general Mansilla, imprescindível em assuntos gauchescos, quando de sua estada entre os índios ranqueles, presenciou o tratamento que lhe davam. Indo banhar-se de manhã cedo, encontrou o cacique Mariano Rosas, que já regressava do banho "con su caballo cubierto de espumoso sudor". O cacique "llegó, se apeó, lo desensilló, lo soltó y ensilló otro que

estaba atado al palenque. Terminada la operación, le puso el freno y lo volvió a atar de la rienda. Los indios hacen esta operación todas las mañanas.

Quando nos roban caballos, empiezan por soltarlos en los montes para que se aquerencien y tomen el pasto. Una vez conseguido esto, hoy ensillan un caballo, mañana otro, y así sucesivamente, y salir el sol lo galopan fuerte por el campo más quebrado, más arenoso, más lleno de médanos.

Nuestros caballos, mediante una segunda educación, cobran un vigor extraordinario. Y como veinticuatro horas permanecen al palo, sin comer ni beber, con el freno puesto, resisten asombrosamente a las más largas privaciones.

De ahí la superioridad del indio en la guerra de fronteras," (op. cit.)

Isso na Argentina. Aqui no Rio Grande, variaram os processos — as circunstâncias foram outras, nem houve "guerra de fronteras" entre índios e cristãos — mas a arte de cavalgar tomou igualmente notável incremento.

A quase ausência de roupas nos índios, propiciou-lhes modalidades desconhecidas dos vaqueiros ibéricos, como essa de cavalgar deitado sobre o flanco do cavalo, adotada exclusivamente pelo gaúcho sul-riograndense. Dreys refere que o gaúcho "estando de vedeta, deita-se sobre o flanco do cavalo que se acha encoberto do inimigo, de modo que nessas campinas povoadas de animais selvagens, a vista não pode discernir; a certa distância, se o cavalo está pastando solto, ou se o homem o acompanha". Ora, isso com a complicada indumentária germânica, trazida pelo ibérico, seria de difícil e rara execução.

Assim se delinçiam com bastante nitidez as principais contribuições do ameríndio para a formação do tipo gaúcho: índole andeja, uso das boleadeiras, processos de cavalgar, mestiçagem.

O AMIGO DO LAZER

Entre as notas fundamentais do gaúcho tivemos ocasião de inserir sua estranha aversão a qualquer disciplina ou lei.

E' qualidade que já se ia fazendo sentir entre os próprios índios. O Dr. Alcides M. de Lima, acima citado, refere que nestas infindas vastidões viviam índios sem autoridade de espécie alguma, nem de religião, nem de família, nem de cacique, "o que não acontecia noutras zonas. Só escolhiam chefes por ocasião das lutas contra os outros; em seguida era desautorado." Oriundo, muitas vezes, de uniões ilegítimas ou esporádicas, não conhecendo nem a autoridade e a ordem do lar, não era difícil ao gaúcho, diante da imensa

dão geográfica e da escassez de população, sentir-se senhor de si mesmo, imune a qualquer coação.

Esse caráter avesso à disciplina lhe é reconhecido geralmente, sem grandes contestações e desvios.

Outro, contudo, não menos importante, tem merecido pouca atenção dos estudiosos: seu gosto pelo lazer, qualidade tão antiga quanto sua existência, e propiciada pelas circunstâncias do ambiente. Se disséssemos que o gaúcho é filho da abundância, talvez surgissem mal-entendidos. Mas já o nosso Dreys, em 1839, escrevia: "certo de seus mantimentos, enquanto o laço não lhe faltar..." No Prata, a situação não diferia.

Quem primeiro nos dá informes mais amplos sobre o gaúcho, ou melhor, sobre os gaudérios, foi Calixto Bustamante Carlos, o trêfego Concolorcorvo, em seu LAZARILLO DE CIEGOS CAMINANTES (Gijón, 1773). Depois de relatar a fartura de carne e de outros alimentos, no Prata, assevera que "De esta propia abundancia... resulta la multitud de holgazanes, a quien con tanta propiedad llaman gaudérios". Expressões muito significativas, especialmente a de **folgazões**, característica marcante, no período inicial do gaúcho, e que, bem pesadas as circunstâncias, o acompanhou em toda a sua trajetória.

Concolorcorvo segue descrevendo os gaudérios: "Estos son unos mozos nacidos en Montevideo y en los vecinos pagos. Mala camisa y peor vestido procuran encubrir con uno o dos ponchos, de que hacen cama con los suderos del caballo, sirviéndoles de almohada la silla. Se hacen de una guitarrita, que aprenden a tocar muy mal y cantar desentonadamente varias coplas, que estropean, y muchas que sacan de su cabeza, que regularmente ruedan sobre amores... Muchas veces se juntan de cuatro o cinco, y a veces más, con pretexto de ir al campo a divertirse, no llevando más prevención que el lazo, las bolas y el chuchillo."

A que distância estamos do gaúcho **economicus** de Nichols, "fundamentalmente um colono contrabandista, cujo negócio era o comércio de couro de gado"!

Moços despreocupados, tocadores de violão, amigos de pesseios e de coplas, e até poetas, rudes embora, autores anônimos de quadras que "sacam de su cabeza". E' com conhecimento de causa que Concolorcorvo escreve que "a quien con tanta propiedad llaman gaudérios" insinuando mesmo certa filiação do vocábulo ao **gaudere**, latino, possível talvez por via eclesiástica. Amam os gaudérios não um **dolce far niente** insípido, mas um lazer folgazão, um folgar animado, a que não é estranho mesmo, certo sabor poético.

O mesmo Concolorcorvo teve oportunidade de encontrar, perto de Tucuman, gaudérios de ambos os sexos, em animada festa campestre, da qual nos transmite saborosa descrição, com suas coplas "horrorosas", ao som "de la mal acordada y destemplada guitarrilla", com seus comes e bebes. (op. cit.)

Ora, nessa natureza dadivosa, até certas tribos de índios enveredavam pela senda do lazer festivo. Dois séculos antes de Concolorcorvo, Cabeza de Vaca deparou com índios, às margens do Paraguai (1543) "ballando y cantando todos los días y las noches, como gentes que tienen seguro el comer" (op. cit.).

No Rio Grando Sul, Dreys assinala a desenfreada paixão do gaúcho pelo jogo: "joga o gaúcho tudo o que possui, dinheiro, cavalo, armas, vestidos, e sai às vezes do jogo, inteiramente ou quase nu". O jogo é outro fruto do lazer, um passatempo como eufemisticamente dizem muitos "civilizados" de hoje, também amigos do lazer. Colocando-se em posição diametralmente oposta à de um "**homo economicus**", o gaúcho de Dreys, vale dizer — o gaúcho sul-rio-grandense da primeira metade do século passado — "parece apreciar o dinheiro menos para suprir suas precisões, que são poucas, do que para satisfazer suas paixões ou alguns gostos instantâneos: ele quer dinheiro principalmente para jogar ou para adquirir a posse de qualquer brinquedo que, como nas crianças, excitou sua cobiça passageira; por isso pouco trabalha o gaúcho, enquanto tem dinheiro; o tempo passa-se em jogar, tocar ou escutar uma guitarra nalguma **pulperia**, e às vezes, porém, com raridade dançar uma espécie de chula grave, que vimos praticar por alguns deles.

Quanto ao mais, pouca propensão parecem ter para os licores espirituosos, e a embriaguez é coisa quase nunca apreciada entre esses homens cujas disposições taciturnas e apáticas pouco se conciliam com a loquacidade e movimentos desordenados da bebedice." (op. cit.)

"Disposições taciturnas e apáticas": como conciliá-las com a destreza, o vigor, a coragem ímpar do gaúcho, nas duras lides do campo ou nos entreveros sangrentos?

Essa contenção de energias não é caso isolado no Brasil. Euclides nos dará posteriormente magistral descrição do sertanejo nordestino, que tem sobre o gaúcho a agravante de ser cavaleiro sumamente "descuidado e deselegante": "Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencandear das energias adormecidas; ...da figura vulgar do tabaréu achamboado, repon-

ta, inesperadamente, o aspeto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e agilidade extraordinárias." (OS SERTÕES, Rio, 1902).

Se no desajeitado sertanejo nordestino foi possível a coexistência de atitudes tão díspares, quando mais no tipo gaúcho que em momento algum ocultava os traços de sua altivez. Testemunhada por observadores oculares e idôneos, a tendência para o lazer jamais impediu os rasgos de excepcional bravura e desteridade do gaúcho em geral.

O GAÚCHO BRASILEIRO E O GAÚCHO PLATINO

Autôres sul-rio-grandenses desta centúria têm quebrado lanças pela reabilitação desse tipo legendário ante os demais brasileiros, para os quais o gaúcho autêntico seria mais ou menos bárbaro, faquista contumaz, recendendo permanentemente a sangue humano. Empenharam-se em destruir essa espécie de "leyenda negra" que aos poucos se formou, como degeneração da insopitada bravura gaúcha. Nesse afã constituiu ponto básico o estabelecimento de distinção entre o gaúcho brasileiro e o platino. Jorge Salis Goulart, em A FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, e o Dr. Severino de Sá Brito, em TRABALHOS E COSTUMES DOS GAÚCHOS, entre outros, escreveram páginas muito eloqüentes nesse sentido.

No século passado, antes ainda das sangreiras e degolas dos castilhistas e maragatos, em que parece ter havido extravasamento do "gaúcho malo", o já citado romancista sul-rio-grandense João Mendes de Taquari, profundo conhecedor da vida do campo e êle próprio, "bom agarrador" e "perito boleador" que "nunca largava as três-marias", dispôs-se a escrever uma novela retratando o verdadeiro gaúcho sul-rio-grandense, tal qual êle o conhecera na plenitude de suas vivências.

E fê-lo conscientemente; no prólogo, afirma: "Há de notar logo, que afastei-me completamente do gaúcho de Dreys. Êste é uma criação do século passado, e habitante das repúblicas do Prata, ao passo que o meu é filho da observação do de nossos dias... O gaúcho dos pampas é um homem semi-selvagem, enquanto que o meu herói é um moço de alguma instrução." Adiante, falando no O GAÚCHO de Alencar, apesar do alto aprêço que votava ao cearense, recusa-o porque "não é o retrato fiel do gaúcho rio-grandense". (O CAMPEIRO RIO-GRANDENSE, Pôrto Alegre, 1889).

Essa recusa do gaúcho alencarino não admira. Nem podia ser de outra maneira. O grande romancista não retratou com fidelidade o nosso tipo; aliás não era êle um realista;

realizou mesmo muito com o pouco de que dispunha, e à distância; os méritos da obra caem sob outros pontos de vista: cariocas, nordestinos, amazonenses e outros, talvez se satisfazam com sua criação. Não assim o conhecedor da vida gauchesca; até circunstâncias de pequena monta conspiram negativamente, como por exemplo a tão repetida palavra **poldro**, numa terra cheia de potros, potrilhos, potreiros e potrancas, em que até a boa fortuna é chamada de "potra".

Há acêrto e desacêrto em João Mendes ao afirmar que o gaúcho de Dreys é uma criação do século passado, e habitante das repúblicas do Prata.

Com efeito, o gaúcho de Dreys se aproxima muito do platino; mas não se pode concluir que não tenha existido tal qual o viajante o pintou em tão sugestivas páginas. Dreys permaneceu cerca de 10 anos em torrão gaúcho, e encontrou sem dúvida êsses tipos extraordinários, e outros como os contrabandistas, formando classe à parte, num detalhe que seria sumamente esclarecedor para Nichols, se tivesse dado mais atenção para a bibliografia brasileira sobre o assunto. A diferença entre o gaúcho de Dreys e o de J. Mendes, ambos testemunhas oculares, está em que o primeiro antecede ao segundo em quase meio século. Nesse interim o gaúcho sul-rio-grandense, sem grandes áreas de reserva como na Argentina, sem sua "frontera" móvel e belicosa, certamente evoluiu, acompanhando a evolução geral do Estado que na centúria de 1800 a 1900 foi bem acentuada. Daí ter J. Mendes deparado já com um gaúcho "apaixonado pela vida de campo", mas por vêzes alfabetizado, que escreve bilhetes e cartas e que fandango até dança uma gavota: tudo isso é gaúcho genuíno? O romancista, neste ponto, parece estar retratando antes o que Mansilla chamou de "paisano gaúcho", aquêles elementos que provinham de família organizada, não tinham mestiçagem com índio, já não eram tão avessos à disciplina; e que, não obstante, eram mestres na arte de cavalgar e em todos os trabalhos do campo, sem quebra da altivez e do valor do gaúcho de outrora. Era um gaúcho em evolução. Ou, antes, a integração de elementos não mestiços e de filiação não ignorada, na vida plena do campo sul-rio-grandense, como aconteceu com o próprio João Mendes.

Essa evolução do gaúcho é corroborada pelas conceituações de outros dois outros peritos em assuntos gaúchos: João Cezimbra Jacques, em ASSUNTOS DO RIO GRANDE DO SUL (ed. Globo, Pôrto Alegre, 1912) assevera que o gaúcho era **outrora** o indivíduo nômade, mestiço, especialmente oriundo do branco com o índio, classe valorosa, leal, hospitaleira e cheia de desprendimento, até da própria vida, viven-

do de estância em estância, entregue às lides pastoris primitivas, formando a flor da cavalaria dantanha e muitas vezes entregue ao contrabando; hoje (1912) o habitante rural, descendente dêsse tipo forte, destemido nas pelepas, em todos os perigos e nas ardorosas lides pastoris.

Para Luiz Carlos de Moraes, em VOCABULÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE (ed. Globo, Porto Alegre, 1935), o gaúcho **outrora** era um termo depreciativo, e só se applicava ao índio errante e maltrapilho, que andava de pouso em pouso, ora trabalhando nas estâncias, em serviço que fôsse executado a cavalo, ora visitando compadres e conhecidos. Não tinha morada certa, possuía a sua china que, ou morava à beira de um povoado, vivendo vida miserável, ou estava agregado em um rancho qualquer. Era aventureiro, e não lhe ia nalma, irrequieta e ávida de liverdade, o estar parado por muito tempo. Não sabia andar senão no seu cavalo e, destro no manejo do laço e no arremesso das bolas, realizava enfim o tipo lendário do centáuro. **Hoje**, sua conceituação era diferente.

Está, pois, o tipo gaúcho em suas variações através do tempo e do espaço, merecendo um estudo que poderia comportar um título ao gosto moderno: **ASCENSÃO, GRANDEZA E DECADÊNCIA...**

Já o gaúcho platino teve evolução mais lenta. Ao tempo que J. Mendes já encontrava o seu tipo diverso do de Dreys, representativo do platino, abundavam no Prata os gaúchos que consoante distinção de Mansilla se agrupavam em torno de certos pólos como o "gaúcho neto", o "paisano gaúcho", o "índio gaúcho" e o "gaúcho malo".

"Índio gaúcho" era "un indio sin ley, ni sujeción a nadie, a ningún cacique mayor, ni menos a ningún capitanejo; que campea por sus respetos; que es aliado unas veces de los otros, otras enemigo; que unas veces anda al monte, que otras se **arrima** a la toltería de un cacique; que unas anda por los campos **maloqueando**, invadiendo meses enteros seguidos; otras por Chile comerciando, como ha sucedido últimamente." (op. cit.). Isso, por volta de 1870.

De 1872 é também a publicação da primeira parte do Martin Fierro, escrita em nossa Santana do Livramento, e que traz de corpo inteiro, a figura do "gaúcho malo".

Uma foto menor nos dá ainda o general Mansilla, relatando-nos o diálogo que teve com um "gaúcho malo", recrutado em seu batalhão na guerra do Paraguai, e anteriormente "azote de los campos":

"Era un hombre alto, fornido, de grandes ojos negros, de fisionomía expresiva, de mirada inquieta, de movimientos fáciles, de aspecto resuelto, en suma.

Entablé con él el siguiente diálogo:

- ¿Cómo te llamas?
- Rufino Pereira.
- ¿De dónde eres?
- No sé.
- ¿Dónde has nacido?
- No sé.
- ¿Quiénes son tu padres?
- No sé.
- ¿En qué trabajabas antes de ser soldado?
- En nada.
- ¿Sabes por qué te han destinado?
- No sé.
- Dicen que eres ladrón, cuatrero y asesino.
- Así será.
- ¿Pero tú qué crees?
- Yo no soy hombre malo.
- ¿Qué eres, entonces?
- Soy hombre gaúcho.
- Pero por eso solamente no te han de haber destinado.
- Es que los jueces no me quieren.
- No te habrás querido someter a la autoridad.
- No me ha gustado ser soldado; cuando he sabido que me buscaban, he andado a monte. He peleado algunas veces con la partida y la he corrido.
- Eso es todo lo que has hecho?
- Todo.
- Pero me has dicho que no trabajabas en nada, y para vivir sin hacer daño al prójimo, es menester trabajar en algo. Te vuelvo a preguntar: ¿de qué vivías?
- Soy jugador.
- Pero, ¿cómo es posible que digan que eres ladrón, cuatrero y asesino, si no lo eres?
- Me han achacado las cosas de otros compañeros que no he querido delatar, y dirán que soy asesino porque les he dado algunos tajos a los de la partida."
- O general, com grande perspicácia, fazendo do ladrão fiel, contratou-o ali mesmo para ser seu assistente, para cuidar de seus cavalos, para ser seu homem de confiança. Pô-lo em liberdade imediatamente, e jamais teve desmentido esse crédito de confiança. Este fato despertou no general um arroubo de fé: "Nuestros campos están llenos de Rufinos Pereiras. La raza de este ser desheredado, que se llama gaúcho, digan lo que quieren, es excelente, y como blanda cera, puede ser modelada para el bien; pero falta, triste es decirlo, la protección generosa, el cariño y la benevolencia." (op. cit.)

Evidentemente o gaúcho brasileiro diferia do platino, principalmente a esta altura. Vários fatores teriam concorrido para tanto, entre os quais a menor extensão do pampa, a ausência da "frontera" com os índios, e ancestrais menos duros com o eram os indígenas do Continente de São Pedro (com exceção de charruas e minuanos) e os açorianos, bem menos "recios" que os castelhanos.

Essa diferença que pode ter sido mínima, na fase inicial do gaúcho, deve ter-se acentuado com o correr dos tempos, tendo-se em conta uma evolução mais rápida do tipo sul-rio-grandense. Diversidade que, contudo, não deverá ser exagerada pois, em realidade, há um série de notas comuns aqüém e além Uruguai.

Em suma, para a formação do tipo gaúcho concorreram diversos fatores entre os quais preponderam o ambiente físico dos pampas, a índole do indígena, já trabalhada por esse mesmo ambiente, o espírito valoroso do ibérico dos séculos XVI e XVII, o boi e o cavalo ibéricos, e as condições sociais peculiares da colônia.

Foram suas características fundamentais o nomadismo, a coragem a tôda prova, o destemor e certa dose de estoicismo, a perícia na arte da equitação, a aversão a leis e disciplinas, e o gosto pelo lazer, rústicamente matizados pela poesia, pela música e pelo jogo.

Ocasionalmente entregaram-se ao contrabando ou à guerra, mas sem foros de profissional.

Se no período inicial de sua formação, houve pequena ou nenhuma diferenciação entre o gaúcho sul-rio-grandense e o platino, a evolução mais rápida do tipo brasileiro, em consonância com o rápido desenvolvimento do Rio Grande do Sul, determinou diversidades marcantes entre os dois tipos, especialmente na segunda metade do século passado. O termo gaúcho atualmente não é mais unívoco; procura adaptar-se à realidade social e lingüística, permitindo uma visão mais ampla dêsse interessante amálgama social, básico na história do Rio Grande do Sul.